

CAPÍTULO 15

O mito do melhor método

O mito desmascarado

O mito do melhor método é muito mais amplo que o adventismo. É uma concepção errônea que infectou uma grande parte dos educadores de muitos países ao redor do mundo durante o século 20. Para a infelicidade dos próprios pedagogos, eles têm estado obcecados para descobrir a metodologia que trará a solução perfeita para ensinar cada aluno. Assim, a sociedade tem gastado centenas de milhões de dólares desenvolvendo e estudando métodos de ensino com o intuito de encontrar a “melhor” técnica educativa.

Durante o último século entrou no cenário educacional uma “moda” atrás da outra. Máquinas pedagógicas, professores auxiliares, inúmeras técnicas audiovisuais, salas ao ar livre, aprendizagem em grupos e via televisão, objetivos comportamentais, instrução competente, aprendizagem monitorada por computador e muitas outras técnicas surgiram como sendo “a resposta” ao problema da metodologia educacional. A maioria desses métodos teve um período no qual seus proponentes os apresentaram como sendo a solução universal. Mas, finalmente, os pedagogos reconheceram que cada método é útil para um bom ensino, mas não a única saída para o sucesso.

Arthur Combs afirma que todos os milhões de dólares gastos na pesquisa da metodologia de ensino falharam em isolar qualquer método ou técnica que podemos claramente associar com um ensino bom ou ruim. O fato é que bons professores (eficientes) usam métodos amplamente divergentes, no entanto, obtêm bons resultados. Três características parecem ser comuns em métodos de ensino bem-sucedidos: Eles se ajustam 1) à personalidade do professor, 2) à individualidade dos alunos, e 3) às condições nas quais ocorre uma situação particular de ensino-aprendizagem. Outro fator, além desses gerais, é o de que nenhuma metodologia de ensino se aplica sempre a todas as pessoas.¹

Uma vez que bons professores obtêm resultados excelentes usando métodos divergentes, a metodologia aparentemente não faz a diferença. A solução não está no “melhor método”, mas no “melhor professor”. A qualidade do relacionamento que existe entre o professor e seus alunos caracteriza o melhor educador, conforme veremos adiante. Praticamente qualquer método de ensino funcionará se houver cuidado e respeito mútuo entre o aluno e o professor. Reciprocamente, nenhum método é totalmente eficaz sem esse relacionamento. Isso não significa que os alunos não aprenderão na ausência de um relacionamento de qualidade. Eles aprenderão a despeito do relacionamento deficiente, mas geralmente aprenderão menos do que se estudassem sob condições mais favoráveis. Por outro lado, isso não reduz a importância de ensinar metodologia; apenas nos lembra que esse não é o fator mais importante. Uma boa metodologia pode melhorar a eficiência do processo de ensino-aprendizagem quando um relacionamento de qualidade já existe entre o aluno e o professor. O importante é que o relacionamento provê uma base para um ótimo sucesso instrutivo.

Millicent C. McIntosh, quando presidente do Barnard College, fez uma observação semelhante quando escreveu que “o *conteúdo* atual dos cursos não é tão importante como o *método* pelo qual é apresentado... o material do currículo é insignificante comparado à qualidade dos que ensinam”.² Conteúdo e método são importantes, mas os professores de qualidade são muito mais. Elton Trueblood observou que “se há uma conclusão que esteja de acordo com nossa filosofia de educação atual, ela se refere à grande importância de um bom professor. É fácil imaginar uma boa faculdade com edifícios pobres, mas não é possível imaginar uma boa faculdade com professores fracos.” Ele escreveu também que “é melhor um ensino brilhante em choupanas, que um péssimo ensino em palácios”. A qualidade do professor é mais importante que o currículo, porque o professor capaz domina o currículo.³

O estudo volumoso de James Coleman sobre as escolas americanas (discutido no capítulo 5) apoiou empiricamente essas observações. Coleman constatou que os fatores escolares que mais influenciavam as realizações dos alunos (independente de influências familiares) eram as características do professor e não as instalações da escola ou o currículo.⁴ O que é verdadeiro nas realizações dos alunos aplica-se também ao impacto espiritual de um programa educacional. Roger Dudley, em sua pesquisa com alunos das escolas adventistas nos Estados Unidos, observou que “nenhum outro fator estava tão fortemente relacionado com a rejeição da religião por parte dos adolescentes, como a sinceridade religiosa de seus professores”.⁵

Os professores fazem a diferença. Escritores do influente informativo da Harvard, *General Education in a Free Society*, depois de lutar durante anos com o problema do currículo ideal, concluíram que, “na verdade, tudo depende da qualidade de mente e espírito do professor”.⁶

Dado o papel central do professor na educação, deveria ser óbvio que não podemos esperar uma educação de qualidade sem professores de qualidade. Da mesma maneira, uma educação cristã de qualidade nunca acontecerá sem professores cristãos. O currículo e os métodos são importantes, mas o professor é muito mais fundamental.

O papel do professor cristão

A função principal do professor cristão é redentiva, pois a educação e a redenção, no sentido mais elevado, são uma só (Ed, p. 30). Assim como Cristo, o maior professor do mundo, “veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10), assim o professor cristão moderno é um agente de salvação no grande plano de Deus. Ele deve estar disposto a trabalhar no espírito de Cristo para deixar seus alunos em harmonia com Deus, para que possam ser restabelecidos à sua imagem, aceitando o sacrifício de Jesus e o poder capacitador do Espírito Santo. A educação cristã, como observamos repetidamente, consiste em muito mais que passar informações ou encher as cabeças dos alunos de conhecimento. Em sua essência, a melhor educação é aquela em que os professores se relacionam com o Maior Professor, de tal modo que eles se tornem agentes eficazes no grande plano de redenção. O professor cristão deve se relacionar com Deus e com seus alunos se ele quiser cumprir o “ministério da reconciliação” eficientemente (2Co 5:18). Uma vez que o propósito da educação cristã é conduzir os jovens a um relacionamento salvífico com Jesus Cristo, o papel do professor cristão é ministerial e pastoral, no seu sentido mais completo.

O Novo Testamento especifica claramente o ensino como um chamado divino (Ef 4:11; 1Co 12:28; Rm 12:6-8). Além disso, as Escrituras não separam as funções de ensinar e pastorear. Pelo contrário, Paulo escreveu a Timóteo que um bispo (pastor) deve ser “um professor hábil” (1Tm 3:2). Ao escrever aos Efésios que deveriam ser “uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres” (Ef 4:11), Paulo usou uma construção grega que indica que a mesma pessoa possui ambas as profissões, de pastor e professor. F. F. Bruce, comentando a passagem, salientou que “os dois termos ‘pastores e professores’ denotam uma e a mesma classe de homens”.⁷ Por outro lado, as Escrituras mencionam

outros dons separadamente. Isso significa que não podemos dividir esses dois dons, uma vez que eles devem permanecer funcionais. O pastor deve não apenas cuidar das almas do seu rebanho, mas também ensinar, por preceito e exemplo, tanto as pessoas individualmente como em grupo. Da mesma maneira, o professor não é meramente um expositor da verdade, mas alguém que se preocupa com as pessoas sob sua responsabilidade.

O professor cristão é um pastor e ministro do evangelho. A diferença entre os títulos de pastor e professor na sociedade moderna surge da divisão atual de trabalho. A sociedade do século 21 pode ver o professor cristão como aquele que pastoreia na “escola”, e o pastor aquele que ensina numa “comunidade religiosa maior”. Devemos conscientemente reconhecer que a função deles é essencialmente a mesma, mesmo que sejam pelas definições de hoje, incumbidos de diferentes vinhas do Senhor. Ensinar jovens não é apenas um ato ministerial, mas também uma das mais eficazes formas de ministério, uma vez que afeta a todos na idade mais sensível.

A integração mais clara e completa do dom de ensinar e pastorear apareceu no ministério de Cristo. Um dos termos pelo qual as pessoas frequentemente se dirigiam a Ele era *Mestre*. O real significado da palavra é “professor”. Podemos ver Cristo como o melhor exemplo de ensino, tanto em termos de metodologia como de relacionamentos interpessoais significativos. Um estudo dos Evangelhos, da perspectiva de Cristo como professor, contribuirá grandemente para nosso conhecimento da instrução cristã ideal. Além disso, tal estudo nos colocará em contato direto com os objetivos da educação cristã.

Antes de continuarmos nossa discussão, é necessário comentarmos duas questões. Primeiro, é importante reconhecermos que o conhecimento do professor sobre o assunto é vital, mesmo que este capítulo enfatize o aspecto do relacionamento pessoal do trabalho do professor. Trueblood escreveu que “sempre perguntam-se a responsabilidade do professor é saber o assunto ou conhecer seus alunos. Essa pergunta não tem resposta, assim como a questão de que sexo é mais necessário para a procriação.” O bom professor deve conhecer os dois. Sua abordagem do assunto será melhor quando tiver em mente as necessidades de seus alunos, e sua abordagem com os alunos será mais eficaz quando tiver alguma verdade ardente para a vida deles. Ao ensinar, o professor deve se relacionar ao mesmo tempo tanto com o assunto como com as pessoas.⁸

O professor cristão deveria ser um especialista em sua área. Ele verá, no entanto, o conteúdo de seu curso de forma diferente de um professor não cristão, uma vez

que ele o interpreta dentro de uma visão bíblica. Seu conceito de pecado e o impacto que este tem sobre a vida dos seres humanos, por exemplo, o capacitará a abordar sociologia e psicologia de uma forma além da que o professor não cristão abordaria. Sua visão o ajudará também a reconhecer e ensinar as limitações finais da ação política num mundo fraturado. Resumindo, o assunto ganha um significado diferente quando visto de uma perspectiva divina. O professor cristão conhece não apenas seu assunto, mas também seus alunos, e ambos dentro do contexto de uma visão de mundo cristã. É inevitável o fato de que “a visão de mundo do professor, na medida em que ele é eficiente, gradualmente condiciona a visão de mundo do aluno”.⁹ A maioria dos itens do conhecimento cristão não é diferente do conhecimento não cristão, mas é apresentada numa estrutura filosófica diferente. A estrutura é importante como um todo, uma vez que diferentes partes do conhecimento ganham significado dentro de um contexto interpretativo. Já que ninguém ensina num vazio filosófico, é essencial que o professor cristão tenha uma filosofia cristã.

Uma segunda observação sobre o ensino que devemos discutir é que a educação cristã é uma arte e não uma ciência. Ensinar envolve valores humanos que estão além do alcance da ciência, e toca profundamente nas emoções do ser humano, as quais não se rendem apenas a análises sistemáticas e empregabilidade. Gilbert Highet, em seu clássico *Art of Teaching*, escreveu que “uma criança educada ‘cientificamente’ seria um monstro lastimável. Um casamento ‘científico’ seria apenas uma versão fraca e aleijada de um verdadeiro casamento [...] Um ensino ‘científico’, mesmo de temas científicos, seria inadequado enquanto o professor e os alunos fossem seres humanos. Ensinar não é como induzir a uma reação química: iguala-se muito mais a pintar um quadro ou a compor uma música [...] Você tem que colocar todo seu coração e reconhecer que o ensino não pode ser composto só de fórmulas, para não prejudicar seu trabalho, seus alunos, nem você mesmo.”¹⁰

Assim como ninguém é um artista de sucesso, no sentido usual da palavra, ninguém pode ser um professor de sucesso. Alguns são chamados por Deus para serem professores (Ef 4:11; 1Co 12:28). Eles têm o dom espiritual de serem professores bem-sucedidos e são sensíveis às necessidades de seus alunos. Como têm o chamado e o dom divinos de ensinar, lidam com a questão da flexibilidade e sensibilidade de um artista, e não com uma rigidez mecânica. Enquanto se beneficiam grandemente com a instrução sistemática na ciência da metodologia de ensino – sua arte se torna instruída pela ciência – são capazes de alcançar eficientemente o coração, a mente e o espírito de seus alunos, porque são artistas habilidosos e não técnicos.

O coração do ensino

No centro do processo de ensino-aprendizagem está o professor, e no coração do bom ensino está um bom relacionamento entre professor e aluno. A arte de ensinar não está baseada no melhor método, mas no melhor relacionamento. E se é assim, é importante que entendamos as características desse relacionamento. Um dos pontos fundamentais é a qualidade da atenção que o professor dispensa. Ellen G. White escreveu que “se desejarmos fazer bem às almas, nosso êxito neste sentido será proporcional à sua crença na confiança e estima que lhes dispensamos” (FE, p. 281). Em outras palavras, nossa eficácia ao trabalhar com os alunos está em proporção direta à percepção que têm de nosso cuidado pessoal por eles. Eles responderão ao cuidado e interesse genuínos (ibid., p. 55; 4T, p. 423; Ed, p. 231). “As obrigações do mestre são sérias e sagradas”, escreveu Ellen G. White, “mas parte alguma de sua obra é mais importante do que a de velar pelos jovens com terna e amorável solicitude. Conquiste uma vez o professor a confiança dos alunos, e poderá facilmente guiá-los” (CPE, p. 503).

Parte do sucesso do ministério de Cristo era que as pessoas sabiam que Ele realmente cuidava delas. Por exemplo, a presença dele nunca repelia as crianças. “Seu grande coração de amor compreendia-lhes as provações e necessidades, e encontrava satisfação em suas singelas alegrias” (ibid., p. 179). As crianças são totalmente perspicazes. Elas podem dizer, depois de conversar conosco, se estamos escutando suas “pequenas” alegrias e preocupações simplesmente por educação ou se temos genuíno interesse – se realmente nos preocupamos com elas. Quantas vezes, como pais, ouvimos nossas crianças, acenamos com a cabeça, e então as mandamos brincar sem termos a mínima ideia do que estavam tentando comunicar? Uma excelente maneira de rejeitar as crianças é deixá-las sentir que nos preocupamos mais com nossos próprios pensamentos “importantes” do que com elas. Cuidado expresso e contínuo é o coração do bom ensino. Ellen G. White sugere que embora um professor possa ter qualificações literárias limitadas, se ele realmente se importa com seus alunos, reconhece a magnitude de sua tarefa e tem desejo de melhorar, ele terá sucesso (Ed, p. 279).

Professores expressam parte de seu cuidado através do modo como visualizam as possibilidades de seus alunos. Numa passagem que precisa de muito estudo e reflexão, Ellen G. White escreveu acerca de Cristo que “em cada ser humano Ele divisava infinitas possibilidades. Via os homens como poderiam ser, transfigurados por sua graça [...] Olhando para eles com esperança, inspirava-lhes esperança. Encontrando-os com confiança, inspirava-lhes confiança [...] Em sua presença as almas desprezadas

e caídas compreendiam que ainda eram homens, e anelavam mostrar-se dignas de seu olhar. Em muitos corações que pareciam mortos para as coisas santas, despertavam-se novos impulsos. A muito desesperançado abriu-se a possibilidade de uma nova vida” (ibid., p. 79, 80). Essa afirmação contém o desafio dos desafios para professores, pais e cada um que trabalha com seres humanos, pois para vermos possibilidades infinitas em cada pessoa, esperança no desesperançado, precisamos de uma dose da graça divina, mas isso é a chave para o bom ensino. A alternativa é olhar para as pessoas desesperançadas e com isso inspirar esperança.

O psicólogo Arthur Combs mencionou várias pesquisas que indicam que podemos distinguir claramente os bons professores dos fracos com base no que pensam sobre as pessoas.¹¹ De forma semelhante, William Glasser, o psiquiatra que desenvolveu “a terapia da realidade”, acredita que fracassos tanto na escola como na vida têm suas raízes em dois problemas relacionados – o fracasso para amar e para alcançar a autoestima.¹² Obtemos nosso conceito de autoestima a partir de nossas percepções do que outros pensam de nós. Quando os pais e professores constantemente transmitem à criança mensagens de que ela é incapaz, delinquente, e sem perspectiva, estão formando nela um senso de autoestima com o qual passará a agir em sua vida diária.

Felizmente, a profecia do autocumprimento também trabalha na direção positiva. Earl Pullias e James Young fazem uma excelente observação: “quando se pede para as pessoas descreverem o professor que mais fez por eles, frequentemente elas mencionam um professor, geralmente o único em sua experiência, que acreditou nelas, que viu seus talentos especiais, e não apenas o que eram, mas até mesmo o que elas queriam ser e *poderiam ser*. E elas começaram não só a aprender na área de seu especial interesse, mas em muitas outras.”¹³ Um professor é um inspirador de visão.

Por outro lado, tal habilidade para ver o potencial humano não implica em cegueira a limitações. Dentro da estrutura bíblica, ninguém tem todos os talentos, embora todo mundo tenha alguns. Às vezes os alunos precisam de orientação definida em áreas onde sua personalidade e dons naturais lhes tornarão mais eficazes.

Outro aspecto importante no relacionamento professor-aluno é que os professores têm a oportunidade de se aproximar dos jovens de certa forma e até certo ponto impossível para outros adultos na sociedade moderna. O maior presente do professor para seus alunos é sua companhia. Companhia é uma das ferramentas mais eficazes no repertório de técnicas, mas parece ser um dos componentes mais negligenciados e não enfatizados no ministério do ensino. Com muita frequência os professores se

focalizam em pôr ordem, impor e dirigir a classe, enquanto falham em desenvolver relações sociais significativas com os alunos.

Bons relacionamentos entre professores e alunos são mais facilmente estabelecidos fora da sala de aula. Geralmente se desenvolvem no campo, no shopping e nos parques, quando professores e alunos aprendem a trabalhar e brincar juntos. Ellen G. White escreveu que “o verdadeiro professor pode comunicar a seus discípulos poucos benefícios tão valiosos como o de sua própria companhia... Para fortalecer os laços de simpatia entre professor e estudante, poucos meios há que façam tanto como a associação agradável entre eles fora da sala de aula” (Ed, p. 212; CPE, p. 502; FE, p. 116). Em outra ocasião ela sugeriu que se os professores “reunissem as crianças bem junto a si, e lhes mostrassem que as amam, e manifestassem interesse em todos os seus esforços, e mesmo em suas brincadeiras, tornando-se por vezes mesmo uma criança entre elas, dar-lhes-iam muita satisfação e lhes granjeariam o amor e a confiança. E mais depressa as crianças respeitariam e amariam [sua] autoridade” (FE, p. 18, 19).

Numa dimensão mais elevada, o relacionamento entre o professor e aluno fora da sala de aula forma e condiciona o *eu* da criança. O professor ou administrador da escola que aproveita toda oportunidade – e até mesmo cria oportunidades – para socializar, divertir, e trabalhar com os alunos tem uma vantagem definitiva. Ele é capaz de entender melhor seus alunos e conquistar a confiança deles. Em troca, começarão a ver tal professor como algo mais que uma figura autoritária. Isso impedirá que muitos mal-entendidos ocorram e promoverá mais meios naturais de comunicação quando as dificuldades aparecerem. Ter relacionamentos sociais com os alunos é uma forma a mais para mostrar nossa atenção por eles. Isso abre os canais pelos quais o amor de Deus pode fluir mais completamente.¹⁴

Uma palavra de precaução é apropriada aqui. Ellen G. White disse que Cristo “era altamente sociável. Possuía, no entanto, uma reserva que desanimava qualquer familiaridade” (CPE, p. 262). O professor nunca deve renunciar seu papel especial como líder para seus alunos se desejar-lhes fazer o bem. Ensinar é uma arte, e parte dessa arte é a habilidade de ter relacionamentos sociais com seus alunos e, ao mesmo tempo, manter o respeito deles.

A seleção de professores

Mencionamos que a qualidade da educação não depende dos métodos de ensino, currículo, materiais instrutivos ou de belos edifícios. É o calibre do professor

que primeiramente determina o nível da educação que ocorre. O sucesso da educação cristã, afirmou Gaebelin, firma-se ou recai sobre a habilidade das escolas cristãs de garantir “professores bem-treinados que sejam espiritualmente vivos”.¹⁵

A seleção de professores é, portanto, de crucial importância. Ellen G. White enfatizou que “ao escolher professores, usemos a máxima cautela, sabendo ser uma questão tão séria quanto a escolha de pessoas para o ministério. Essa escolha deve ser feita por homens sábios, aptos a discernir qualidades, pois para educar e moldar o espírito dos jovens para desempenharem com êxito os diversos segmentos da obra, necessitam-se os melhores talentos que se possam conseguir” (6T, p. 200; CPE, p. 174, 175).

Se há uma área que deveríamos cuidar é a escolha dos professores com os quais deixaremos o que de mais valioso temos – nossas crianças. Esse é um ponto em que a junta escolar não deveria tentar poupar dinheiro. Custa um pouco falar ao telefone com os professores e as pessoas com as quais deixaram referências. E requer ainda mais pagar as despesas de professores em perspectiva para visitarem a escola e se encontrarem com a junta escolar antes de serem contratados. Mas tais precauções, embora possam representar alguns gastos, valem a pena quando nos lembramos da influência que esses homens e mulheres terão sobre nossas crianças. Afinal, é muito mais caro manter os salários e despesas deles por um ano ou dois de insatisfação depois que nós (e eles) tivermos feito a escolha errada, do que gastar uma quantia moderada de dinheiro no início para assegurar a melhor escolha possível.

Também é importante lembrarmos, da mesma forma, que é crucial para o professor estar satisfeito com a escola e a administração e vice-versa. Afinal, aceitar a posição de professor é um grande compromisso na vida de uma pessoa, e os professores contentes produzem melhores resultados. Seguir procedimentos de contratos cuidadosos aumentará a possibilidade de todos ficarem felizes com a situação.

Deveríamos buscar os melhores professores para nossas crianças. Ninguém quer contratar o médico, advogado ou piloto de avião menos qualificado, mesmo que seja o mais “barato”. Da mesma forma que queremos o melhor que pudermos nessas áreas, deveria ser também na escolha do professor, que tem muito a ver com o futuro de nossas crianças.

Se os membros da junta escolar (e os pais) devem agir inteligentemente na escolha de professores, é importante que leiam os escritos de Ellen G. White e os livros sobre educação para que possam entender as qualificações essenciais do professor cristão.¹⁶ Seria até mesmo mais benéfico se a administração da escola tivesse um encontro não de negócios, de vez em quando, para discutir tais questões como os

critérios para se escolher professores cristãos, como encontramos nas diretrizes providas pela Bíblia e pelo Espírito de Profecia.

Concluindo, não é o melhor método que fica no coração da educação, mas o melhor professor. No coração do bom ensino encontramos um relacionamento de atenção entre os alunos e professores. A ação na educação cristã ocorre no ponto onde o professor conhece o aluno. Sem relacionamentos atenciosos aqui, nenhum método será muito eficaz, mas com tais relacionamentos quase todo método tenderá a atingir os alunos, uma vez que eles sabem que seu professor (ou pai, pastor, etc.) realmente se preocupa com eles. A questão do professor atencioso tem uma íntima conexão com a disciplina cristã redentiva – um assunto que veremos agora.

CAPÍTULO 16

O mito da classe silenciosa

O mito

Imagine um pai (ou um membro da administração escolar) andando pelo corredor com o diretor da escola. Ao passarem pela sala da professora Joana, eles ouvem apenas alguns cochichos, barulho de pés e leves risadinhas indicando que tudo está em seu andamento normal. No dia seguinte eles vão até a sala do professor Lucas e, para surpresa deles, não ouvem nada – exceto a voz do professor. A sala está calma e quieta. Lucas parece ter total controle da situação.

Pergunta-se: que tipo de impressão o pai ou o diretor poderiam ter? Provavelmente o pai pensaria que o professor Lucas é um excelente professor e um disciplinador de primeira, devido à ordem e silêncio em sua sala. Por outro lado, esse mesmo pai seria tentado a dizer que Joana é uma professora medíocre.

O interessante é que o oposto pode ser verdade. Pode ser que havia barulho na sala da professora Joana porque as coisas estavam acontecendo – os alunos estavam aprendendo a trabalhar juntos; estavam se movimentando na sala porque isso era necessário no processo de aprendizagem; e estavam sorrindo porque estavam felizes com o que estavam fazendo. Por outro lado, é possível que o professor Lucas é o tipo autoritário que gera um temor suficiente para manter seus alunos absolutamente quietos.

Muitas pessoas comparam classes quietas com boa disciplina, e certo barulho na sala com disciplina pobre. As pressuposições são falsas. Ao fazer tal afirmação, não estou supondo que as salas de aula com barulho sempre têm boa disciplina. É verdade, no entanto, que essa disciplina tem mais chances de se desenvolver numa classe que não é dominada por uma pessoa autoritária.

Talvez o melhor teste de boa disciplina não seja quão quieta ou ordenada é a sala quando o professor está nela, mas o que acontece quando ele sai por um período indeterminado. Sob tais circunstâncias, uma classe que fica quieta na presença do

autoritário viraria uma bagunça, enquanto que algumas classes normalmente ativas não mudariam muito na ausência do professor, porque os alunos aprenderam a se controlar na presença dele.

Resumindo, uma classe quieta quando o professor está presente não indica uma boa disciplina. Em alguns casos, o pior tipo de disciplina está ocorrendo.

Sobre isso, Ellen G. White escreveu que “o pai ou professor que... ensine à criança o governo de si mesma, será da maior utilidade e terá um êxito permanente. Para o observador superficial o seu trabalho pode não mostrar verdadeiro valor; poderá deixar de ser estimado em tão grande conta como o daquele que retém o espírito e a vontade da criança sob uma autoridade absoluta; entretanto, os anos vindouros demonstrarão o resultado do melhor método de ensino” (Ed, p. 289). Novamente, ela escreveu que “essa espécie de professores que se satisfaz com o manter quase inteiro domínio sobre a vontade dos alunos, não é a mais bem-sucedida, embora a aparência no momento seja lisonjeira” (FE, p. 18).

Não podemos avaliar completamente uma disciplina de sucesso no momento. O teste final não é como os jovens agem quando na presença de alguém autoritário, uma vez que em poucos anos estarão longe do alcance de pais e professores. Segundo Erich Fromm, “a pessoa madura chega num ponto em que ela é sua própria mãe e pai”.¹ Resultados em curto prazo não interessam ao cristão. Sua verdadeira preocupação é com os efeitos em longo prazo. “Depois de anos” mostrará os resultados dos procedimentos disciplinares. O objetivo da disciplina cristã não é tanto produzir controle imediato, mas sim desenvolver pessoas cristãs que saibam controlar sua própria vida.

O melhor caminho

A essa altura é importante reconhecer que punição e disciplina não são a mesma coisa. A punição ocorre apenas depois que a disciplina falha. Uma pessoa autoritária se impõe porque uma criança ainda não se autodisciplinou.²

Disciplina não é algo que fazemos a uma criança, mas algo que a ajudamos a aprender a fazer por si mesma. Uma das tarefas mais importantes do adolescente é alcançar a independência. Com isso em mente, as palavras de Ellen G. White ganham um significado maior: “o objetivo da disciplina é ensinar à criança *o governo de si mesma*. Devem ensinar-se-lhe a confiança e direção próprias. Portanto, logo que ela seja capaz de entendimento, deve alistar-se a sua razão ao lado da obediência” (Ed, p. 287).

John Dewey, o principal filósofo da educação da América, ampliou o significado desse conceito de disciplina: “uma pessoa que é educada para considerar suas ações e empreendê-las deliberadamente, é... disciplinada. Acrescente a essa habilidade a coragem de se permanecer num curso, inteligentemente escolhido, face à distração, confusão e dificuldade, e você terá a essência da disciplina. Disciplina significa eficiência ao comandar; domínio dos recursos disponíveis para administrar as ações empreendidas. Saber o que se tem que fazer e fazê-lo prontamente, usando os meios indispensáveis, é ser disciplinado.”³

Uma pessoa disciplinada é aquela que tem responsabilidade em sua vida e ações. Não precisa ser controlada pelos outros. A disciplina cristã ideal é, portanto, *interna* em vez de externa. Em sua forma prudente, é algo que fazemos por nós mesmos e não que nos é imposto. A disciplina como autocontrole é o ideal bíblico. Salomão escreveu que “o que domina o seu espírito” é melhor “que o que toma uma cidade” (Pv 16:32). Uma das maiores e mais importantes formas de domínio humano é o autocontrole. A educação cristã deve empenhar-se para alcançar esse fim – para que cada aluno tenha tido a oportunidade de desenvolvê-la quando deixar sua casa e a escola, e atingir a independência adulta.

A disciplina como autocontrole tem raízes profundas nos conceitos cristãos de desenvolvimento de caráter, responsabilidade e perseverança. Observamos no capítulo 4 que o desenvolvimento do caráter é um dos maiores objetivos da educação cristã. O desenvolvimento do caráter e a disciplina estão intimamente relacionados. “A resistência do caráter consiste em duas coisas – força de vontade e domínio de si mesmo” (CPE, p. 222). Além disso, “a vontade é a força para a decisão, ou escolha” (Ed, p. 289). Parte da função da disciplina cristã, em casa e na escola, é guiar e moldar o domínio da vontade conforme o aluno segue rumo à maturidade.

A disciplina interna se concentra no desenvolvimento da vontade da criança, permitindo-a fazer escolhas e arcar com as consequências. É o método que o pai usou com o filho pródigo, reconhecendo que o amor nunca pode ser bem-sucedido se forçado sobre outro agente moral (Lc 15:11-32). Arthur Combs ressaltou que “responsabilidade se aprende recebendo responsabilidade; nunca se aprende recusando-a... Aprender a ser responsável requer ter a chance de tomar decisões, observar os resultados e lidar com as consequências dessas decisões. Um currículo designado para ensinar responsabilidade precisa fornecer oportunidades constantes para os alunos envolverem-se em tal processo. Fazer isso, no entanto, requer que se corra riscos, uma perspectiva terrivelmente assustadora para muitos professores e administradores.”⁴

Até mesmo a questão de permitir que outros cometam erros faz parte da natureza de Deus e seu amor. Afinal, Ele criou o universo em que erros são possíveis, quando poderia ter criado alguém que nunca errasse – mas apenas pelo preço de criar homens menores que os seres à sua imagem. Seres sem escolhas genuínas são mecânicos em vez de agentes morais livres. Deus criou homens e anjos de tal maneira a tornar o desenvolvimento do caráter uma possibilidade definitiva. É importante lembrar que se os indivíduos não têm a opção de fazer escolhas erradas, também não têm habilidade de fazer escolhas certas. As pessoas não podem desenvolver o caráter se elas são constantemente controladas ao receberem apenas uma possibilidade. Então elas são, em essência, meramente máquinas complexas em vez de agentes morais criados à imagem de Deus. Amor e liberdade são arriscados e perigosos, mas eles são o caminho que Deus escolheu para conduzir seu universo. Esses princípios estão, portanto, implícitos na educação cristã.

A disciplina cristã deve, assim, levar a natureza humana ao reconhecimento total. Os professores cristãos vêem cada aluno como uma pessoa criada à imagem de Deus. As crianças sob seus cuidados não devem ser simplesmente muitos objetos a serem controlados e manipulados. Deus comprou cada uma a um preço infinito, e Ele sempre procura restaurar sua imagem nela. Pais e professores têm o privilégio de serem seus ajudadores.⁵

O ser humano é “dotado de certa faculdade própria do Criador”, com a qual que ele pode raciocinar da causa para o efeito e agir sob suas decisões (Ed, p. 17). Dessa forma, ele desenvolve tanto a vontade como o caráter. E a disciplina cristã é o maior agente nesse processo. Os animais não têm o mesmo potencial para o desenvolvimento que os seres humanos têm. Com isso em mente, Ellen G. White escreveu que “a disciplina de um ser humano que haja atingido os anos da inteligência deve diferir do ensino de um animal irracional” (Ed, p. 288). Ensinamos bestas com submissão insensata – um método que, se usado na educação de crianças, “faz delas pouco mais que autômatos. O espírito, a vontade e a consciência acham-se sobre o governo de outro. Não é propósito de Deus que espírito algum seja dessa maneira dominado. [...] Enquanto sob autoridade, as crianças podem assemelhar-se a soldados bem disciplinados; faltando, porém, esse governo, notar-se-á a falta de força e firmeza no caráter” (ibidem). Jovens que nunca aprenderam a governar a si mesmos não sabem como usar sua liberdade quando livres da influência restrita de pais e professores (ibid., cf. FE, p. 18, 58).

O problema com a disciplina externa é que ela falha na ausência de uma

agente executor. Na esfera cristã, a resposta para a falta de disciplina não é a maior nem a melhor “arma” para controlar os jovens, mas um desenvolvimento consciente e aplicação de técnicas para construir o autocontrole em cada criança. Não ganhamos nada se por metodologias autoritárias tentamos conseguir silêncio, ordem e a conformidade do aluno, a custo do comportamento inteligente, responsabilidade e criatividade. Salomão escreveu que “como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio” (Pv 25:28). O controle internalizado é o ideal que devemos almejar.

Um modelo progressivo de disciplina

Um dos objetivos da educação cristã é capacitar os alunos para pensarem reflexivamente por si mesmos, em vez de simplesmente responderem ante uma ordem de alguém autoritário. Os alunos devem chegar ao ponto em que possam fazer suas próprias decisões e ser responsáveis por si mesmos sem que outros continuamente os persuadam, ameacem, dirijam e/ou forcem. Quando o aluno tiver alcançado esse objetivo e internalizado a capacidade de pensar e agir de acordo com seus pensamentos, terá atingido a maturidade moral. Ele estará desejoso e capacitado para conduzir sua própria vida. Mas como podemos alcançar isso?

Um modelo possível que podemos usar para ilustrar a internalização progressiva da disciplina aparece na Figura 6.⁶ Ele ilustra, de forma geral, a relação entre controle interno e externo e o processo de autodisciplina que é o objetivo da disciplina redentiva.

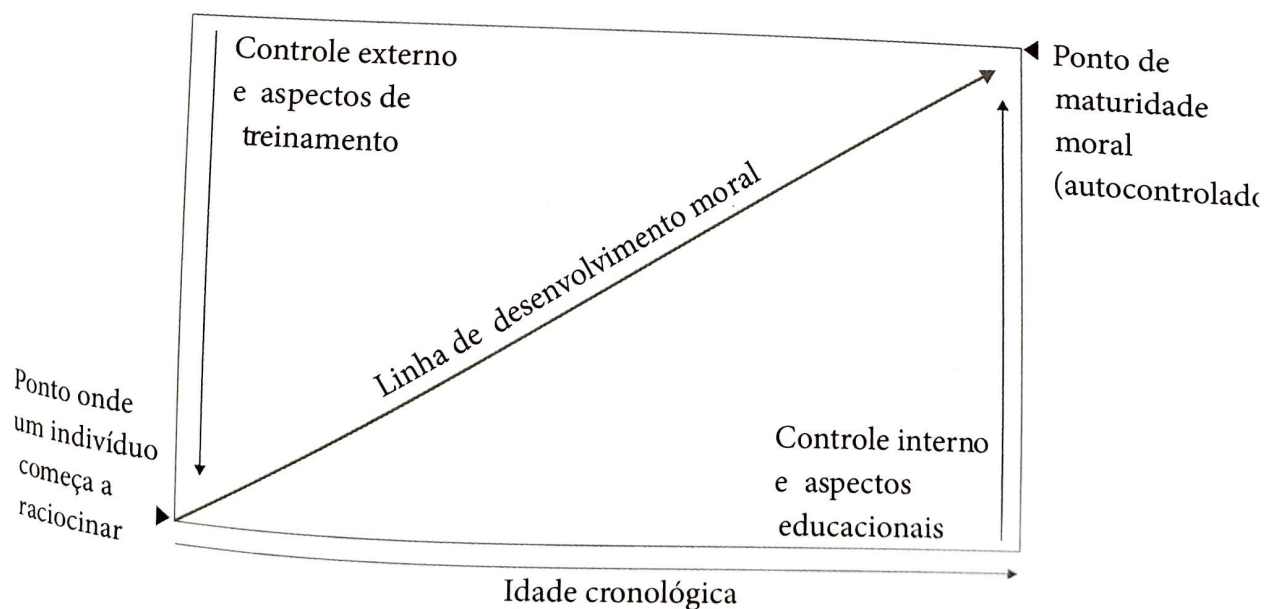


Figura 6: Modelo de desenvolvimento da disciplina

Crianças e bebês precisam de muito controle externo, mas o processo de maturação individual deveria levar, progressivamente, cada vez mais ao autocontrole e cada vez menos ao controle externo, até que o indivíduo tenha alcançado o ponto da maturidade moral. Nesse ponto, ele está preparado para se colocar como uma pessoa responsável no mundo adulto. Assim, a disciplina cristã é tanto um poder positivo como de libertação. A. S. De Jong disse que “não é para manter a criança *desanimada* ou *rebaixá-la*, mas *animá-la* e *curá-la*; por essa razão, a disciplina pode ser usada apenas para reprimir a fim de libertar, treinar as crianças no exercício da liberdade dos filhos de Deus”.⁷ O produto final da disciplina cristã será jovens que “fazem o que é certo porque acreditam ser certo, e não porque alguma autoridade lhes diz para fazer”.⁸

Como podemos imaginar, um modelo progressivo de disciplina não é fácil nem para os pais, nem para os professores executarem. Parte do problema é que os níveis de desenvolvimento moral e a capacidade de tomar decisão responsável nem sempre se correlacionam com a idade cronológica. Um professor, portanto, terá que lidar com alunos em vários pontos diferentes na linha do desenvolvimento moral numa mesma sala de aula. Deveríamos notar também que a linha do desenvolvimento moral na verdade não é reta – ela tem altos e baixos que variam de acordo com o aluno, com as circunstâncias imediatas a seu redor, e com a habilidade e dedicação de adultos importantes em sua vida. Ellen G. White reconheceu a complexidade dessa tarefa quando escreveu que “desenvolver a mente e o coração dos jovens, não lhes prejudicando o crescimento por indevido controle de uma mente sobre outra, exige tato e entendimento” (CPE, p. 180). A aplicação da disciplina correta “é a mais delicada tarefa que já se haja confiado a mortais” (ibid., p. 264; cf. Ed, p. 292).

Parte da dificuldade está em encontrar um equilíbrio próprio entre o controle externo e o interno que satisfaça as necessidades de cada criança. Lemos no livro *Educação* que “dirigir o desenvolvimento da criança, sem estorvá-la por meio de um governo indevido, deve ser objeto de estudo tanto por parte do pai como do professor. As regras demasiadas são coisa tão ruim como a deficiência delas” (p. 288). No entanto, nos deparamos, com dois erros possíveis: (1) expor a criança a decisões para as quais não está pronta, e (2) privá-la das oportunidades de tomar decisões para as quais esteja pronta.⁹ O primeiro erro cria confusão, enquanto o segundo leva a uma dependência não saudável e perda eventual da capacidade de tomar decisões inteligentes. Falando sobre o segundo ponto, Ellen G. White se referiu às crianças que parecem bem educadas enquanto estão sob supervisão imediata, mas que são incapazes de pensar, agir ou decidir por si mesmas quando deixadas por conta

própria. “Se houvessem sido ensinadas a exercer seu próprio juízo *prontamente e ao máximo*, o mal teria sido evitado” (FE, p. 58; cf. págs. 16-17). A tarefa crucial, portanto, é evitar os dois extremos ao guiar crianças e jovens em cada nível de seu desenvolvimento moral. É importante também para cada um se defrontar com certas dificuldades e desafios num nível de maturidade e ser bem-sucedido, antes de encontrar problemas do nível seguinte.

Disciplina interna e regras

Uma área prática pela qual podemos ilustrar o desenvolvimento do caráter através da internalização da disciplina está no domínio das regras. O psiquiatra William Glasser enfatizou o lugar das regras na educação quando argumentou que “uma escola não pode funcionar sem uma administração eficiente, que desenvolve regras moderadas e as põe em vigor. Os alunos deveriam ter voz ativa ao se elaborar as regras que se aplicam a eles, pois uma vez estabelecidas, espera-se que eles as cumpram.”¹⁰ James Dobson, em seu livro campeão de vendas *Dare to Discipline*, enfatizou a centralidade das regras tanto em casa como na escola. Ele questionou a crença de alguns educadores progressistas que afirmam que o ambiente que coloca obrigações sobre as crianças enfatiza o autocontrole. “Quão tola”, declarou Dobson, “é a suposição de que autodisciplina é um produto da autoindulgência”.¹¹ As regras têm um papel importante na internalização da disciplina.

Uma das afirmações mais significativas de Ellen G. White sobre regras menciona cinco requisitos determinantes. “Tais regras devem ser poucas e bem consideradas, e uma vez feitas, ponham-se em execução. Todo princípio nelas envolvido deve de tal maneira ser posto perante o estudante que ele se convença da justiça de tal princípio. Assim sentirá a responsabilidade de fazer com que sejam obedecidas as regras que ele próprio auxiliou a organizar” (CPE, p. 153; cf. Ed, p. 290).

O primeiro requisito para regras eficientes é que deve haver poucas regras. É muito fácil para pais e professores responder a cada situação irritante com sua autoridade de formuladores de regras. O resultado é que rapidamente têm uma multidão de regras que eles próprios se acham obrigados a impor. As regras e seu cumprimento em tais circunstâncias tendem a se tornar centrais, enquanto é enfraquecido o desenvolvimento social, espiritual e físico. Tanto adultos como crianças se acham presos numa confusão legalista que os prepara para receber confrontações desnecessárias que geram mais (e mais) regras. As regras deveriam se basear em princípios e não em situações irritantes, já que elas não devem dominar nossa vida.

Um segundo requisito é que as regras devem ser bem consideradas. Professores, alunos e pais deveriam ser capazes de ver o princípio que sustenta cada regra. Sem qualquer princípio, a regra não tem justificativa. As regras devem ter seu princípio na reflexão responsável e racional, e não na irracional. Os alunos geralmente não se rebelam contra regras bem refletidas.

Pais bem intencionados tentam às vezes impor regras mal-consideradas sobre a escola. Por exemplo, lembro-me do dia, em janeiro, quando me tornei o diretor de uma escola de segundo grau metropolitana, nos tempos da mini-saia. Um dos primeiros pais que veio falar comigo “sugeriu” que nenhuma menina na escola deveria usar vestido com mais de duas polegadas acima do joelho. Ali estava uma rígida definição de modéstia, com a implicação de que era minha responsabilidade sair pela escola com uma régua e medir todas as possíveis alunas transgressoras. Expliquei ao pai “ajudador” que isso era tolice. Afinal, duas polegadas acima do joelho é muito pouco para uma garota gorducha do segundo grau, que mede 1,5m e parece ter 1,80m de altura. Quando chamamos todas as meninas para discutirmos sobre a questão do vestuário, o grupo todo decidiu que os princípios implícitos no vestuário cristão são a modéstia, o asseio e o bom gosto. Cada moça recebeu a responsabilidade de aplicar os princípios. O grupo decidiu que quem não fosse capaz de aplicá-los teria uma conversa em particular e seria mandado para casa para trocar de roupa se necessário. Tivemos poucos problemas com vestuário aquele ano.

Uma importante regra para as regras, no entanto, é que cada regra deveria ser bem analisada em relação a seus princípios implícitos. Alunos, pais e professores deveriam entender os princípios. Afinal, nosso objetivo não é ensinar obediência insensata, mas um relacionamento responsável com os princípios cristãos.

Um terceiro requisito para boas regras é que elas devem ser lembradas. Glasser salientou que a falha em aplicar as regras mostra para as crianças e jovens que seus pais e professores não se preocupam muito que elas sejam lembradas.¹² Semelhantemente, Dobson observou que as crianças geralmente nos desafiam para ver se realmente nos importamos o suficiente para nos esforçarmos e sermos firmes com elas para seu próprio bem. Ele sugere que deveríamos identificar as regras com antecedência, não deixar dúvidas quanto ao que constitui um comportamento aceitável, punir quando o jovem “cruel” escolhe desafiar limites conhecidos de maneira ousada e sempre se relacionar com a criança com muito amor, afeição, bondade e compreensão. Amor e punição não são antagônicos. “Um é função do outro.”¹³

De acordo com Ellen G. White, ao desenvolver a disciplina interna através reforço de regras, os pais ou professores têm um papel triplo: primeiro, levar a criança a reconhecer suas fraquezas e faltas; segundo, registrar o auxílio da criança em corrigir o problema; e terceiro, mostrar-lhe a Fonte de perdão e poder (Ed, p. 291). Glasser lidou com os dois primeiros pontos. Ele sugeriu que o professor ou pai pode evitar falar à criança o que ela fez de errado. O melhor é perguntar para ela o que ela está fazendo e se está conseguindo os resultados desejados. Fazer isso a envolve numa análise de suas ações e os resultados. A criança deve entender por si mesma o que ela fez de errado e porque isso é inaceitável, para alcançar crescimento na responsabilidade. Depois Glasser continua sugerindo que damos responsabilidade para a criança elaborando um plano melhor para que o problema não se repita. “Por exemplo, se uma criança conversa sem parar e interrompe a aula, o professor pode, colocá-la noutra lugar onde ela fique longe das crianças que a estimulam, levando-a a perder o controle. Esse plano simples, com a cooperação da criança, pode ajudá-la a ficar quieta. Ela tem responsabilidade, toma decisões após fazer suas próprias análises, e assim aprende responsabilidade – algo que concordamos da boca para fora, mas que não ensinamos nas escolas. Ensinamos conformidade insensata às regras da escola e chamamos uma criança conformada de ‘responsável’ [...] Responsabilidade se aprende apenas avaliando a situação e escolhendo um caminho que a pessoa acha que será mais útil para si mesma e para outros.”¹⁴ O pai ou professor cristão pode, sem dúvida, ir além das sugestões de Glasser levando os jovens a Cristo para alcançar perdão e poder.

Punição externamente imposta torna-se um problema quando a criança se recusa a honrar seus compromissos com a escola ou a família. Mas podemos usar até mesmo a punição como um agente de crescimento para o autocontrole. A psicóloga Luella Cole sugere que “a punição deveria sempre ser construtiva e conduzir ao melhor autocontrole. Permitir que os alunos sugiram e cumpram suas próprias punições é mais apropriado para desenvolver o autocontrole do que as penalidades atribuídas por superiores.”¹⁵ Ensinar à criança que a punição deveria se enquadrar na natureza de “crimes” sempre que possível, pode ser uma experiência instigante. Tal punição, portanto, deveria sempre acontecer junto com a orientação de um adulto responsável.

O quarto requisito para uma boa regra é que ela deve ser justa e os alunos devem se convencer de sua justiça. Descarte ou modifique regras injustas. Nada vai causar mais rebelião nos corações jovens do que ser tratado injustamente em nome

da justiça. Em tais circunstâncias a atitude moralmente responsável poderia de fato ser se rebelar – pelo menos é o que a maioria dos adultos inteligentes faria em tal situação. Sem dúvida, se eles não tivessem o direito de se rebelar, simplesmente deixariam seus sentimentos inflamarem-se e consentiriam o mínimo possível com as obrigações impostas. Educadores e pais certamente não querem incentivar esse tipo de atitude. Além disso, deveríamos reconhecer que precisamos alterar as regras quando as condições mudam.

A quinta característica de uma boa regra é que as crianças deveriam ajudar a formulá-las. Embora esse ponto venha por último, não é certamente menor em termos de importância para o desenvolvimento do caráter. Nenhum de nós responde positivamente a uma ditadura: as esposas não gostam que os maridos as dominem, os trabalhadores reagem mais entusiasmadamente quando participam nas decisões, e uma das causas da Revolução Americana foram as regras impostas sem representação. Sem dúvida, um programa educacional que espera desenvolver o autocontrole nos jovens não deveria tentar fazer para eles todos os regulamentos importantes até chegarem na faculdade. A *Comissão de Disciplina Phi Delta Kappa* observou que a participação do aluno na formulação de regras “é essencial para uma cidadania responsável tanto na escola como em uma nação; nenhuma das duas pode sobreviver por muito tempo se o cumprimento das regras dependerem apenas de forças externas”.¹⁸ Participar na elaboração das regras ajuda a criança enxergar as razões para as regras e a relação com os princípios que as envolvem. Além disso, Ellen G. White acertadamente reconheceu que quando a criança participa no processo de elaboração das regras, ela naturalmente se sente mais responsável para defender as regras mutuamente combinadas (CPE, p. 153).

Disciplina em perspectiva

Concluindo, pais e professores cristãos nunca devem se esquecer do objetivo redentivo da educação cristã. A disciplina cristã deve ser, portanto, salvífica em vez de punitiva – ela deve visar o desenvolvimento responsável do indivíduo. Tal desenvolvimento responsável faz parte da santificação, ou, como falam alguns educadores, do desenvolvimento do caráter. De certa forma, esse é o desenvolvimento da vontade e da capacidade de autocontrole. Disciplina cristã genuína, assim como o viver do genuíno cristão, envolve riscos, mas é apenas permitindo a possibilidade de falhas que podemos desenvolver o que é bom. Deus escolheu nos criar como agentes morais livres. A

educação cristã deve visar ao uso responsável de nossa liberdade, para que nós e nossos filhos desenvolvamos caracteres que possam seguramente entrar na eternidade.

A essência da disciplina cristã é o desenvolvimento do autocontrole. Ela implica na transferência do controle de autoridades externas para o indivíduo, de tal forma que os jovens serão capazes de internalizar completamente o controle sobre sua vida no final de sua experiência em casa e na escola. Parte da arte de ensinar e educar é ser capaz de compreender o desafio, reconhecer as necessidades e habilidades de cada criança, e fornecer um ambiente em que tal crescimento possa ocorrer. O objetivo de Deus é colocar suas leis em nosso coração e escrevê-las em nossa mente. Quando tal internalização ocorrer, Ele será verdadeiramente nosso Deus e nós seremos seus filhos (Hb 10:16; Jr 31:31-33). A disciplina redentiva tem o mesmo objetivo, que é fazer dos ideais e princípios de Deus a base do pensamento e ação em cada cristão. Uma pessoa não deveria levar uma vida aparentemente cristã por causa de forças externas, ameaças ou medo, mas porque a educação cristã apresentou um estilo de vida cristã de tal forma que seus participantes a veem como “algo melhor” do que o que o mundo não cristão tem para oferecer (Ed, p. 296). Devido à natureza crucial da tarefa, Frank E. Gaebelin refere-se à disciplina como o “teste ácido” da educação cristã.¹⁷ As falhas têm consequências eternas, enquanto o sucesso é repleto de potencial infinito.